

## Conclusão Geral

A presente abordagem bíblico-teológico-sistemática foi exaustivamente dedicada ao tema da Criação e Salvação, segundo os escritos de Pierre Gisel. E o que pode ser colocado de modo conclusivo é parte que envolve preocupação, como tentativa de responder à grande quantidade de questões que envolvem Deus, o ser humano, a Igreja, a História e a Criação. Numerosas questões já foram tratadas no corpo do trabalho, e algumas talvez, tenham sido tratadas com superficialidade; outras ainda nem sequer foram tratadas, as apenas citadas, pois a Teologia é campo vasto e profundo. O importante foi apresentar o tema proposto através dos escritos de Pierre Gisel, teólogo desconhecido no Brasil, entre protestantes e católicos. Vale ressaltar que, através de seus escritos, muito se pode ter como base reflexiva, com a finalidade de proporcionar à Igreja uma melhor articulação, no que concerne à Criação e Salvação. Essa reflexão tende a posicionar a Igreja diante de sua missão histórico-teológica no mundo.

As raízes de uma reflexão bíblico-teológico-sistemática da criação, têm como objetivo apresentar a confissão que está inscrita nas origens, que é o terreno da revelação bíblica. O Gênesis é portador de uma confissão de Deus como criador e salvador. A criação não é obra do acaso, mas de um Deus que cria por amor. A própria confissão de salvação precede e engloba a confissão de Deus como criador. E, sendo assim, somente pode haver uma certeza concreta de uma salvação inscrita na criação. A criação e a salvação têm em Jesus Cristo a sua mediação, conforme atestado em João 1.3 e Colossenses 1.16.

Uma dialética sob linha de reflexão, faz que o Antigo Testamento atinja seu clímax no Novo Testamento, como fruto de uma longa caminhada. A Igreja não poderia pensar de maneira deferente, porém dentro de uma linha reflexiva que entende haver uma revelação progressiva na história. A história da salvação atingiu seu ponto máximo no Evento Cristo; evento que marcou profundamente a realidade, pois a própria Igreja obedeceu aos parâmetros de modo pneumatológico, atendo-se aos propósitos divinos, de religar todos os povos,

através da mensagem evangélica transmitida pelos pais, profetas, homens e mulheres de Deus, tanto do Antigo Testamento, quanto do Novo Testamento. Uma mensagem poderosa para redimir tanto o ser humano, como a própria criação; de recolocar tudo no seu devido lugar.

Quanto a uma interpretação teológica equilibrada pode-se ver que a Teologia é uma disciplina interpretativa, mas que seu gesto interpretativo tem de responder às exigências próprias, precisamente de que confessa uma criação. E, uma boa teologia afirma que a criação é estabelecida em graça. Destarte, uma doutrina da criação é teologicamente correta quando se apresenta como interpretação necessária de uma história, de uma prática e de uma confissão de fé, em ocorrência, envolvendo uma prática e uma confissão própria da tradição bíblica, judaica e cristã. E, a criação sendo percebida e refletida teologicamente como realidade incontornável de prova e de bênção, embora existindo a realidade do mal, não pode ser considerada ruim, pois é o espaço do exercício histórico da humanidade. O homem é matéria, é terrestre, logo não é um ser estranho à criação. Embora exista o mal, teologicamente se diz que Deus é a única segurança e a única esperança do ser humano. E este é chamado a ratificar consciente e livremente a decisão de Deus, de ocupar o coração da criação, de assumir um real poder de cuidar da Terra e de tudo aquilo que lhe é peculiar.

No que concerne à realidade do mal segundo o terreno bíblico, o que significa? Encontramos na Bíblia a figura da serpente. Uma figura da encarnação demoníaca dos mitos babilônicos. É criatura como todos os animais do campo. Ela entra em diálogo com o homem. Um fato curioso que chama à atenção e que é de se admirar, é que uma grande parte de pessoas que estudam a Bíblia, destaque mais o ato da serpente do que a ação do homem em sua desobediência. Mas, é necessário verificar que, a maior parte dos exegetas sérios, em relação ao estudo da Escritura, sublinha que o narrador veterotestamentário esforça-se para objetivar o menos possível o mal numa figura exterior e o homem como inocente e trágica vítima. A serpente não figura na face de Deus com alguma soberania rival e concorrente. Ela se move no quadro de criatura. Portanto, é o homem culpado e não inocente. O mal não é explicado, mas pensado. A ruptura está consumada, mas Deus não abandona o homem. Este, sozinho não se salvará; ele não pode sozinho remediar as conseqüências do pecado.

Há uma criação de Deus, mesmo que exista a realidade do mal, em forma de processo. Ainda que o homem tenha pecado, deixando de cumprir o seu mandato cultural, quebrando a aliança instituída entre Criador e criatura, se pode retirar do ensino da Revelação, que Deus está sempre cuidando de sua obra. Percebe-se de modo profundamente reflexivo uma continuidade ontológica entre Deus e o mundo. A matéria não é inerte, sem vida, mas entre um começo e um fim, há o início de um processo de transformação. Daí não se pensar em desastre escatológico de forma conseqüente, como exercem seus pensamentos os pseudos-profetas-teólogos que preconizam maus rumores, desdizendo o que falou o Criador e Salvador: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jô 14.6). Pode-se atentar para o tempo e também para a eternidade, como indício de uma ruptura da continuidade do ser. O Deus que é Trindade não se isola em sua relação intratrinitária, mas se volta para fora quando cria o mundo e o ser humano.

Uma abordagem teológico-sistemática da criação do mundo e do homem tem de ser vista em conexão com a realidade divina. Essa realidade divina está inserida na realidade do mundo, e que vai de encontro a uma realidade dualista de linha grega, que produz separação (docetismo). Mais ainda, vai de encontro, respectivamente, a uma outra postura que acentua uma confusão entre Criador e criatura (panteísmo); e também contra radicalmente ao pensamento que perfila um certo abandono da criação pelo Criador (deísmo).

O homem foi criado para viver em sociedade à luz da própria narrativa veterotestamentária, alcançando seu profundo desdobramento e plenitude na realidade neotestamentária; e mais especificamente nos ensinamentos de Jesus de Nazaré. Deus não criou o homem para que este esteja só. A solidão é o inferno. É preciso construir com o outro uma sociedade organizada, sem reflexos de uma individualização que não produz efeitos profundamente sociais. Pois este ser criado, o homem, é um ser social; vive com outros seres humanos. Tem ele de estar diante do seu irmão e não destituindo a vida de sua importância. A vida tem de ser valorizada, porque é dom do Criador. E, por causa de uma certa postura individualista, passou a haver diversas manifestações contra tudo o que deteriora a vida. Por exemplo: a clonagem, não significa que o homem quer brincar de Deus? Mesmo que alguém tenha um bom motivo para continuar a sua herança genética, parecendo não ser uma coisa má, entretanto, sendo considerado como um ato piedoso, as tentativas nas pesquisas a serem realizadas, requereriam a

destruição de muitos óvulos e embriões fertilizados. Considerando que o argumento em prol da vida seja uma prerrogativa evangélica e cristã, no sentido de que os óvulos fertilizados são pessoas com direito à vida, tais pesquisas envolveriam assassinatos.

O homem recebeu o legado de ser um instrumento na missão criadora no coração do mundo. A própria história do homem em seu objeto, de Adão ao Apocalipse, uma história do homem com suas genealogias próprias, suas rupturas e suas redenções, uma história que reconta o homem numa relação essencial com Deus onde ele se torna e se coloca em defesa ou quando é provocado, e onde ele emerge segundo uma estrutura de aliança e também a uma recusa do mal. Assim, ele tem de assumir o seu lugar na história, que é a sua condição original. É certo que o homem no coração do mundo, se encontra numa situação de pecado. Destarte, é preciso haver uma reafirmação do projeto criador de Deus no coração da história. E, isso somente pode se tornar realidade, segundo uma nova dimensão de uma nova humanidade e realidade espiritual, que toca de forma integral o humano e todo o criado.

Essa nova realidade na história da humanidade tem de passar pelo crivo de uma ação cristológica-pneumatológica. Dar-se-á o abandono radical de uma situação de calamidade à figura do *Novo Adão*, que é a nova humanidade. Essa nova humanidade, que é nova postura do homem, tem seu contorno na perspectiva cristológica, segundo a ação do Espírito de Deus. Portanto, somente assim, é que se pode encontrar e constatar a certeza de um Deus que se humanizou, se fez carne e habitou entre os humanos. Foi Jesus Cristo ungido pelo Espírito Santo com poder para exercer a sua missão de Deus-homem, historicizando-se, de fato e de verdade. Isso é o que se chama em teologia, de plenitude do tempo e a nova instauração dessa nova realidade. É o Evento Cristo, que é mais do que um simples nascimento, porém, envolve um evento de maior repercussão na existência do ser humano. Faz que o ser humano se perceba como *ser humano* para Deus e para os outros.

Essa nova configuração se constituindo uma nova realidade, significa que tudo será restaurado. Torna-se uma totalidade instaurada em singularidade, e se mostrará com uma face plenamente recuperada em sua plenitude. O homem é totalmente integrado a Deus, a ele mesmo, ao semelhante e à própria história. Essa redenção passa pela mediação de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro

homem. Esse é um trabalho do Espírito, possibilitando a trajetória de vida e obra do Messias, culminado com sua ressurreição, tornando-se sacramento do mundo para a sua redenção. Por isso, é fundamental a confissão da ressurreição. E a cristologia é, de modo pleno e dinâmico, a mediação original dessa confissão que ensina que não se compreende a realidade quando ela é somente recebida como eco, mas como testemunho do Deus criador, quando ele se relaciona a Deus e que seja para a sua glória.

Em Cristo repousa o temor de Deus, uma noção de pertença e de dependência, assim parecem tomadas em registro tipológico. O pecado e a morte foram engendrados em nós por Adão, e são abolidos por Cristo. O Deus criador se faz uma estrutura inscrita na criação, intrínseca com a visão do homem. Destarte, a aliança entre Deus e o homem está mesma no substrato e no quadro da cristologia. Uma aliança baseada não nos méritos do povo de Israel, por exemplo, mas unicamente na misericórdia de Deus. Portanto, uma aliança gratuita. Essa aliança de Deus com o homem se deu na encarnação de Cristo. A encarnação é o lugar do Mediador. Cristo é visto como profeta, sacerdote e rei. Três ofícios que acentuam uma habitação na carne. Deus em Cristo é o Deus conosco. Deste modo, é profundamente correto afirmar a tese de que a dinâmica da criação é o lugar da própria cristologia.

Uma pergunta se faz necessária: De que modo se pode entender que a realidade do mundo é a vida segundo o Espírito? A resposta se constitui numa orientação doutrinal para a Igreja e para o mundo em suas particularidades. O desenvolvimento dessa realidade envolve uma perfeição, um ideal de realização última. Tem a ver com o destino do homem e do cosmo. Este passará por uma transformação segundo a realidade do Espírito de Deus, quando aplica em cada um de nós a eficácia da vida e obra de Jesus Cristo. Desta forma, não se pode pensar que Deus não haja de modo trinitário. Deus é Trindade. Em virtude disso, temos uma teologia trinitária. Há uma confissão de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, produzindo vida. Nada pode fugir de sua realidade criadora e salvífica.

Ao se refletir e operar desta forma, pode-se afirmar que a vida no Espírito tem duas janelas: uma realidade do homem para Deus e outra para o mundo. O trabalho do Espírito é fazer que cada pessoa tenha essa convicção e seja afetada pela grandeza da misericórdia de Deus. O mundo ferido pela realidade do pecado precisa de fé e de teologia, para estar consciente de sua finalidade sob a condição

de boa criação divina. Essa consciência tem de ser pensada de modo a ultrapassar as diferenças confessionais, por exemplo, quer protestantes ou católico-romanas. É preciso entender que uma nova realidade esteja sendo evidenciada, sob linha verdadeiramente cristã, considerando um ecumenismo global envolvendo a história, a cultura, a realidade eclesial e a instância doutrinal. Uma devolução decisiva de Deus está marcando a história: Cristo é dotado de total presença e de total salvação. Assim, a vida e a história passam a ter um rumo certo.

É fundamental perceber na dialética proposta através deste trabalho, que há uma relação salvífica entre o homem e a criação. Assim, *Criação e Salvação*, se evidenciam numa articulação da Teologia com a Antropologia Teológica, através de uma dimensão Pneumatico-Soteriológica. Na própria criação o homem já é salvo pelo Criador. Deus cria o homem para a salvação e não para jogá-lo no grande abismo do inferno. Portanto, a salvação do homem na criação de Deus é uma realidade insofismável. Ao criar todas as coisas e o ser humano para administrar a realidade criada, Deus viu que era tudo muito bom. Assim, não nenhuma possibilidade de se pensar que o Criador tenha, antes da queda, pré-determinado uns para a salvação e outros para a perdição. Mas, é seguro afirmar que depois da queda, o homem não consegue sua própria salvação. Ele está morto em seus delitos e pecados. Mesmo nesse estado, o Criador providenciou a salvação desse ser tão querido e tão amado. O próprio Deus veio ao encontro desse homem e dessa mulher, para dar-lhes vida, recuperando juntamente com eles toda a matéria afetada pelo pecado.

Mas é importante observar que, contra uma soteriologia que fragmenta o homem, afirmando salvá-lo apenas a sua alma, em detrimento de um corpo de pecado, o ser humano é salvo de forma integral: corpo e alma. Deus criou o ser humano dotado de corpo e alma. Ele foi criado na condição de *ser vivente*. Essa postura vai de encontro ao dualismo de linha grega, que desconcerta não só o homem, mas toda a boa criação de Deus. Pode-se afirmar na história e não fora dela, uma salvação holística e uma integração completa do homem à história. Destarte, a Teologia não testemunha uma verdade primeira, original e verdadeira, que deva ser chamada novamente e ser reconquistada contra as faltas de um afastamento do tempo ou de uma infidelidade dos homens. O cristianismo não é mais uma mitologia, mas é parte da história. O cristianismo é parte ligada

também com a história. E essa realidade tem de ser assumida hoje na própria história, através dos aspectos proclamador, didático e empírico do cristianismo.

Um cosmo redimido e renovado pela configuração do plano original divino, perpassa o ensino de uma boa teologia. Esta é uma postura que também vai de encontro a uma escatologia conseqüente, que afirma que este mundo será destruído. A escatologia foi vista por muito tempo, em se tratando de estudo sistemático, como um empreendimento duvidoso. Martinho Lutero sustentava que sabemos tão pouco sobre a vida eterna quanto uma criança, no útero materno, sabe sobre esta vida. Mas é importante salientar que Lutero acreditava na vida eterna como outros teólogos do passado também creram. Portanto, uma acurada avaliação da escatologia dá a certeza de uma definição correta acerca do seu significado, com o propósito de se entender o que quer dizer, não simplesmente por uma mera definição no que tange à vida relacionada com o tema do *pós-morte*. Nem somente com as definições de Céu e Inferno, Juízo Final, Imortalidade e Ressurreição ou de algum assunto relacionado a essa vida, mas é fundamental entender que a escatologia não se restringe às coisas situadas no fim somente. Tem a ver com algo tanto do objeto pelo qual se espera quanto da esperança inspirada por ele. A escatologia não significa apenas o discurso sistemático a respeito das assim chamadas “últimas coisas”, aquilo que ocorre no fim, unicamente. Ela precisa considerar tudo que esteja relacionado a esse fim. Sendo assim, uma boa conceitualização passará a ter uma influência imensa sobre a atitude para com a vida presente de um modo geral, e, concomitantemente, influenciar o etos da existência cristã, bem como também contemplar o resultado para além desta vida, e investigando o caminho que conduz a esse resultado.

A vida do Espírito Santo possui uma dinâmica em direção a uma consumação futura, na qual há de alcançar toda a sua plenitude. E, por sua vez, essa esperança para o indivíduo está encerrada no horizonte maior da esperança para o mundo. Destarte, não se pode olvidar de que a boa teologia tem em seu conteúdo escatológico o destino do homem e da própria criação. Nessa empreitada, não há e nem haverá uma pregação unilateral da salvação. Porque uma pregação dessa linha, pode levar as pessoas a um certo *narcisismo antropocêntrico* mais acentuado do que já é exercitado no presente.

A *salvação* e o *compromisso na história* são pontos fundamentalmente relacionais da existência cristã. Salvação não significa um ato divino que confira

poder ao homem de viver para si mesmo num eterno egoísmo, como se nada mais estivesse ao seu redor. Salvação não significa retirar o homem do seu processo histórico, de sua existência, ou ainda marcada por certas ambigüidades, mas o recoloca na história; e faz que ele seja participante dela com intensa efetividade, num processo de larga e profunda alteridade, em relação à criação e ao semelhante. A salvação tem a ver com a reintegração do homem a Deus, a si mesmo, ao outro e à própria natureza. Salvação é reintegração de todas as faculdades perdidas do homem, no sentido de ser co-participante, co-criador com Deus na história da redenção.

A fé cristã confessa e proclama uma salvação segundo essa qualidade exposta neste trabalho. O nome de Jesus Cristo concentra essa realidade: “Não há sob os céus nenhum outro nome dado aos homens necessário a nossa salvação” (Atos 4.12). Assim, se pode entender que Jesus Cristo é o rosto de Deus para nós, e o representante do homem diante de Deus. “Jesus Cristo crucificado é poder e sabedoria de Deus” (1 Coríntios 1.24).

A articulação entre a pregação genuinamente cristã, de uma salvação radical e reconhecimento de uma criação na sua consistência e na sua necessária diversidade, se mantém primariamente no coração do cristianismo. Pois essa é a sua mensagem e estilo de vida original. Por isso, houve o desenvolvimento dessa redenção no decorrer da história da Teologia, fazendo surgir para hoje a possibilidade de uma reflexão acerca de uma *teodiversidade*. Não obstante, é preciso entender que, essa salvação e sua articulação com a criação, foram sempre ameaçadas de desequilíbrio pelo dualismo de linha grega, que despreza o mundo e o próprio corpo. Entretanto, é preciso perceber também que o cristianismo possui uma riqueza imensa de pensamento e vida, quando se pode refletir que a própria criação é lugar incontornável de prova de bênção.

A pregação cristã sempre proclamou o cristianismo como uma religião de salvação. Desde os primeiros séculos, a fé em Cristo participa da riqueza de se projetar dentro do Império Romano sempre pregando a Cristo como Senhor e Salvador. As definições conciliares dos primeiros séculos reivindicaram a entrada dessa salvação no mundo de modo abrangente e integral. Os teólogos não cessaram de dizer, em termos variáveis, acerca do cristianismo como realização, e também recapitulando sempre a centralidade do destino do homem e da própria criação como evento de graça.

Sendo o cristianismo testemunha e proclamador de uma salvação que passa pela cristologia e pela pneumatologia em nível histórico, com a intenção de uma articulação entre homem e criação, logo se faz perceber que há uma postura dinâmica em quem é afetado pela mensagem cristã. Assim, tende a colocá-lo numa postura concomitantemente integrada e ecológica. Portanto, é preciso cuidar do espaço histórico, mesmo eivado de contingências, que é lugar de prova e de bênção. A boa criação de Deus tem de ser preservada, para que todos possam viver bem, pois esta é a vontade do Criador. E todos serão responsáveis, através de uma postura consciente, derivada de uma teologia que se esforce para promover a integração tão ensinada pela natureza e propósito da Revelação. Desta forma, a Teologia tem de ser em todos os momentos, quer espacial e temporalmente, um instrumento dinâmico, para a tomada de uma nova consciência histórica. Assim, ela não será tomada em termos de interesses exclusivamente pessoais. O cristianismo deve assumir a sua verdadeira postura, através de um ensino teológico integrador, que promova uma salvação não em contraposição ao tema do homem e da criação, mas de forma integrada na história.

Este trabalho foi realizado com única intenção de promover a superação da tensão dualista de uma salvação dissociada da criação. Essa tensão tem gerado neuroses no meio sócio-religioso. Percebe-se que há uma onda de religiosidade, quer em igrejas e segmentos religiosos do mundo, mas por outro lado há uma separação da realidade. Cada parte prega sobre a sua salvação. Vende-se o que tem como garantia de um produto de “qualidade”, objetivando o sucesso a todo custo, no sentido de uma autopromoção que inviabiliza um projeto voltado para o bem comum. Faz-se perder de vista as dimensões e peculiaridades da pessoa

como unidade criada por Deus, com seus valores sem que promova o progresso do ser humano, alcançando também o que é universal.

Como superar esses absurdos? Somente pelo resgate da salvação inscrita na criação. Pelo conhecimento teológico relacionado a uma vida cristã engajada, da realidade da redenção que promova a recuperação do que é verdadeiramente humano, e do cosmo que vai se esvaindo pela brutalidade de mentes corrompidas pela situação de pecado, que torna mais pessoas miseráveis. Pelo resgate da harmonia entre Criador, criação e criatura, numa vida no Espírito, considerando a realidade que cerca profundamente o ser humano e a criação, num acento inteiramente cristológico, mas sem esquecer o diálogo com outras realidades, que também se apresentam como cooperadoras com o desenvolvimento do homem e do mundo.

É preciso ter disposições teológico-sistemáticas integradas, considerando a criação como graça, porque Deus somente age pela sua graça. Essas disposições foram percebidas, e também cotejadas na teologia de Pierre Gisel, mas sem esquecer que existem outros teólogos que estão também na linha de frente de um combate árduo. O sentido é de se superar a tensão exposta no presente trabalho; superação que se torna, a cada dia, um desafio com uma viabilidade de reflexão e vida engajada, aonde todos os esforços vão sendo envidados no espaço da transcendência humana na história.